



Senhor, que dais a maior prova do vosso poder quando perdoais e Vos compadeceis, derramai sobre nós a vossa graça, para que, correndo prontamente para os bens prometidos, nos tornemos um dia participantes da felicidade celeste. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

**LEITURA I ( Ez 18, 25-28 )**

Eis o que diz o Senhor: «Vós dizeis: ‘A maneira de proceder do Senhor não é justa’. Escutai, casa de Israel: Será a minha maneira de proceder que não é justa? Não será antes o vosso modo de proceder que é injusto? Quando o justo se afastar da justiça, praticar o mal e vier a morrer, morrerá por causa do mal cometido. Quando o pecador se afastar do mal que tiver realizado, praticar o direito e a justiça, salvará a sua vida. Se abrir os seus olhos e renunciar às faltas que tiver cometido, há-de viver e não morrerá».

**SALMO RESPONSORIAL:**

Lembrai-Vos, Senhor, da vossa misericórdia.

**LEITURA II ( Filip 2, 1-11 )**

Irmãos: Se há em Cristo alguma consolação, algum conforto na caridade, se existe alguma comunhão no Espírito, alguns sentimen-



tos de ternura e misericórdia, então completai a minha alegria, tendo entre vós os mesmos sentimentos e a mesma caridade, numa só alma e num só coração. Não façais nada por rivalidade nem por vanglória; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós mesmos, sem olhar cada um aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros. Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de cruz. Por isso, Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem, no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

**EVANGELHO ( Mt 21, 28-32 )**

Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: «Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Foi ter com o primeiro e disse-lhe: ‘Filho, vai hoje trabalhar na vinha’. Mas ele respondeu-lhe: ‘Não quero’. Depois, porém, arrependeu-se e foi. O homem dirigiu-se ao segundo filho e falou-lhe do mesmo modo. Ele respondeu: ‘Eu vou, Senhor’. Mas de facto não foi. Qual dos dois fez a vontade ao pai?». Eles responderam-Lhe: «O primeiro». Jesus disse-lhes: «Em verdade vos digo: Os publicanos e as mulheres de má vida irão diante de vós para o reino de Deus. João Baptista veio até vós, ensinando-vos o caminho da justiça, e não acreditastes nele; mas os publicanos e as mulheres de má vida acreditaram. E vós, que bem o vistes, não vos arrependestes, acreditando nele».



**PERCURSOS ALPHA ARRANCAM A 9 DE OUTUBRO** - depois da sessão de apresentação na passada sexta-feira, dentro de 2 semanas - sexta-feira 9 de outubro - arrancarão os percursos em ambas as paróquias com o 1º tema “Quem é Jesus?”. Estão nos respetivos sites de ambas as paróquias links para os formulários de inscrição - as inscrições são normalmente possíveis até à terceira sessão. **Já convidou alguém para este percurso?**

**CATEQUESE** - continuam abertas as inscrições: visite os respetivos sites das paróquias para mais informações.

**JORNADAS DE PASTORAL** - lembramos aos membros dos Conselhos Pastorais e Equipas de Animação Pastoral que no próximo sábado, entre as 10h00 e as 17h00, são convidados a reunirem-se no Salão Paroquial de S. José para uma jornada de pastoral. No domingo, dia 5, será transmitida nas redes sociais a eucaristia de abertura solene do ano pastoral.

**CONVERSAS SOBRE A CONFISSÃO** - estão a ser disponibilizadas nos sites das paróquias 3 “conversas” sobre a confissão da autoria do Pe Duarte da Cunha, pároco em Lisboa, sempre à terça à noite. Próximo tema: “Confessar-se bem - preparar e celebrar um sacramento”

**O OUTONO E AS MISSAS EM TEMPO DE PANDEMIA** - enquanto o Pe Francisco não regressar de férias, teremos de manter as missas nos horários atuais. A partir do fim de semana 10 e 11 de outubro, e enquanto os constrangimentos sanitários não se alterarem, procuraremos implementar o novo horário que aqui está impresso e que procura, na medida do possível e respeitando as recomendações da DGS, repor os horários pré-pandemia.

# novo horário missas

a partir de 10 outubro

<p><b>SÁBADO</b> SJBAPTISTA   17H30 SJSOSÉ   19H00</p>	<p><b>SEMANA</b> SJBAPTISTA   18H00 <small>De terça a sexta</small> SJSOSÉ 8H30   19H00 <small>De segunda a sábado</small></p>										
<p><b>DOMINGO</b></p> <table border="0"> <tr> <td>SJSOSÉ</td> <td>SJBAPTISTA</td> </tr> <tr> <td>09H00</td> <td>11H00</td> </tr> <tr> <td>10H30</td> <td>21H15</td> </tr> <tr> <td>12H00</td> <td></td> </tr> <tr> <td>19H00</td> <td></td> </tr> </table>	SJSOSÉ	SJBAPTISTA	09H00	11H00	10H30	21H15	12H00		19H00		
SJSOSÉ	SJBAPTISTA										
09H00	11H00										
10H30	21H15										
12H00											
19H00											

Vivei as mesmas disposições que havia em Cristo Jesus

Na reflexão de hoje vou centrar-me na segunda leitura, o que não é habitual, mas que os tempos que estamos a viver me sugerem que aprofundemos.

Começo por sublinhar a expressão usada por Paulo, «Em Cristo Jesus». “Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus”. Não

se trata de sentimentalismo, mas de viver as mesmas disposições interiores da vontade e do coração que orientavam a vida de Jesus. A expressão é utilizada duas vezes: no princípio do texto, onde é dito: “Se há em Cristo alguma consolação”...e depois, no fim, “tende entre vós os mesmos sentimentos que há em Cristo Jesus”. Entre uma e outra, Paulo enumera uma série destas disposições. Esta fórmula «Em Cristo Jesus» deve ser lida no sentido forte e profundo que ela tem na fé cristã. Desde o nosso batismo, nós pertencemos a Cristo, fazemos parte d’Ele; e esta nova identidade que é comum a todos os batizados ultrapassa todas as nossas diversidades. Desde o batismo levamos connosco o mesmo nome de família: este nome é «CRISTÃO». E quando encontramos «Cristãos», é este sentimento de pertença comum que ultrapassa (ou deveria ultrapassar) todos os outros. Pode comparar-se a uma grande reunião de família alargada onde sabemos que cada um daqueles que ali encontramos são nossos primos, tios ou outro qualquer parentesco. Todos aqueles que já estiveram nestas reuniões familiares onde se experimenta o mesmo sentimento de pertença comum, podem ter uma ideia do que Paulo quer dizer: consolação, amor, ternura, comunhão. Ora, foi neste mistério de amor e de comunhão que fomos mergulhados no dia do batismo. Agora é preciso vivê-lo no quotidiano. «Completa a minha alegria, tendo entre vós os mesmos sentimentos e a mesma caridade, numa só alma e num só coração», mais ou menos como se dissesse: «Honrai a vossa família, honrai o Nome de Cristo que levais convosco». E se Paulo faz referência ao «em Cristo Jesus», quer dizer que não se situa no domínio do ter mas do ser: «Vós que fostes batizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo» (Gál 3,27). Como quem diz: “Sempre que encontréis um outro batizado, não olheis senão para o que ele é em profundidade. Ele é membro do Corpo de Cristo”.



As nossas reuniões dominicais estão pensadas para que experimentemos esta fraternidade e a alimentemos: cantamos juntos, rezamos juntos, dizemos juntos: “Pai Nosso que estais nos céus”. dirigimo-nos juntos, ao mesmo tempo, em procissão, para comungar o mesmo pão, formando um só corpo. Antes disso, olhamos uns para os outros e damos-nos o abraço da fraternidade e da paz. Para que conscientizemos mais a nossa comunhão



em Cristo começou-se há vários anos em SJBaptista e há 3 anos em SJosé o ministério do acolhimento à entrada da igreja e também à saída para que nos saudemos e aprofundemos mais os laços de comunhão... pois não basta que esses laços que nos unem sejam apenas de carácter teológico, isto é a partir do ser. É preciso que passem para o perceptível do quotidiano, que a Igreja seja esse mistério de comunhão que evangeliza.

Mas os tempos da pandemia estão a levar-nos por um caminho que pode

tornar-se perigoso a partir daquilo que podemos ir encarnando sem nos darmos conta. Agora existe um acolhimento para se respeitarem as normas de saúde, mas é mais um serviço de ordem. As pessoas são convidadas ao afastamento umas das outras quando tudo o que a Igreja tem feito e deve continuar a fazer, é convidar à aproximação. O anterior provincial dos jesuítas portugueses P. José Frazão Correia, escrevia um artigo em que abordava esta problemática e punha o dedo na ferida. Dizia ele: «As

medidas sanitárias, por enquanto, não as poderemos evitar nem dispensar. No essencial, este ponto está assumido. O que me parece menos claro é o grau de consciência reflexa que teremos, pastores e comunidades cristãs, do significado e do alcance, a meu ver problemático, que um conjunto de práticas sanitárias e afins, aplicadas na liturgia e a partir da liturgia, poderão ir gerando na compreensão que temos da Igreja e do seu modo de estar no mundo, sobretudo se essas práticas vierem a prolongar-se no tempo. Por serem essencialmente linguagem não-verbal, têm força simbólica e performativa. Sem recorrer a linguagem verbal e sem que se tenha imediata consciência do processo, há práticas higiénico-sanitárias, seguidas no âmbito litúrgico e sacramental, que vão deixando a sua marca e modelando identidade. À força de repetição no tempo, enquanto formas externas, vão conduzindo a alterações internas, exercendo influência sobre sentimentos, pensamentos, disposições. Geram, por isso, determinados modos de ser e de estar em Igreja, dos quais poderemos não nos aperceber imediatamente, mas que, de facto, têm efeitos na realidade eclesial e, em muitos casos, estão manifestamente em contradição com o que se professa. Declara-se implicitamente uma coisa, mas atua-se efetivamente uma outra. A título de exemplo, fala-se de comunhão – supõe-se, evoca-se, invoca-se, apela-se – mas inúmeras práticas higiénicas e de segurança introduzidas são de desconfiança, de proteção e de isolamento; canta-se que “formamos um só corpo”, ao mesmo tempo que se pede e se evita qualquer proximidade e contacto corpóreo. (...) No momento presente, muito especialmente na celebração da Eucaristia, a linguagem não-verbal assume particular relevo, dizendo bem mais do que a linguagem verbal: rostos tapados; mãos higienizadas em vários momentos – por vezes, revestidas por luvas protetoras; limitação de qualquer gesto de proximidade; contínua distância de segurança; lugares marcados e separados o mais possível uns dos outros, quando não previamente reservados; deslocações limitadas ao mínimo indispensável; proibição do gesto da paz e inibição de algumas respostas; canto ainda mais limitado do que o habitual a solistas ou ao pequeno coro; etc. O acolhimento no espaço litúrgico tende a ser funcional e inexpressivo, já que a tónica é toda posta na segurança e na proteção. Conduz-se impessoalmente cada um ao seu lugar, como numa qualquer sala de espetáculos. Repetem-se informações técnicas sem empatia nem emoção, como num qualquer outro lugar público onde se reúnam várias pessoas para usufruir de um serviço. Sem querer, obviamente, a liturgia poderá estar a dar o seu contributo significativo para a “globalização da indiferença” e para o “relativismo” que, justamente, a Igreja tanto contesta. Assim, dificilmente terá lugar e expressão a comunidade viva de batizados que se reconhecem mutuamente e que, na alegria, celebra festivamente um dom surpreendente e imerecido que alimenta a vida e gera corpo eclesial.»

Mas isto pode mudar alguma coisa? A nível exterior, enquanto durar a pandemia não podemos mudar quase nada, mas se consciencializarmos que o que estamos a fazer não é o correto, não é o que nos identifica como Igreja, isso pode ajudar-nos.



<http://fb.me/paroquiasaojoabaptistacoimbra>  
<http://fb.me/paroquiasaojosecoimbra>  
[www.instagram.com/paroquiasaojoabaptista](http://www.instagram.com/paroquiasaojoabaptista)  
[www.instagram.com/paroquiasaojosecoimbra](http://www.instagram.com/paroquiasaojosecoimbra)